

## Jacobina Mentz Maurer: a representação de uma líder

Por Marinês Andrea Kunz  
PUCRS

### Resumo:

O artigo pretende mostrar, de forma sucinta, como é representada Jacobina Maurer nos textos históricos “Os Muckers”, de Ambrósio Schupp e “O episódio do Ferrabraz”, de Leopoldo Petry, além dos seguintes textos ficcionais: “Videiras de Cristal”, de Luís A. de Assis Brasil, os filmes “Os Muckers”, de Bodansky e Gauer e “A paixão de Jacobina”, de Lucy e Fábio Barreto. Os textos retratam a protagonista de modo semelhante, mas cada um apresenta uma leitura própria da líder. Podem ser lidos uns através dos outros sem, no entanto, recuperarem a imagem original de Jacobina.

É notável que, 128 anos depois, os fatos ocorridos no Ferrabrás roubem a cena, sendo novamente reproduzidos na grande tela, sendo pauta de seminários e objeto de estudos nas mais diversas áreas, como a História, a Teologia e a Teoria da Literatura. Apesar de todo o empenho já realizado no sentido de desvendar a aura de mistério que envolve os episódios e, de forma especial, a imagem de Jacobina Maurer, ainda há muitos pontos obscurecidos, que, certamente, nunca serão recuperados integralmente, pois, como afirma Jeanne-Marie Gagnebin, “não existem [...] reencontros imediatos com o passado, como se pudesse agarrar uma substância, mas há um processo meditativo e reflexivo [...]”<sup>1</sup>. Assim, cabe aos pesquisadores lançarem luz sobre o ocorrido, debruçando-se sobre seus vestígios, em busca de uma compreensão plausível.

O objetivo deste trabalho não é reconstituir o passado, uma vez que esta pesquisadora que vos fala não é historiadora; tampouco, é discutir a religião de Jacobina em si, pois não se trata de um estudo teológico. Consiste, sim, em analisar a

---

<sup>1</sup> GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994. p. 17.

representação da protagonista do evento, Jacobina Mentz Maurer, nos principais textos acerca do assunto. Entre eles, estão os textos históricos de Ambrósio Schupp, *Os Muckers*, primeiramente em alemão, em 1906, e de Leopoldo Petry, intitulado *O episódio do Ferrabraz*, de 1957. Quanto aos textos ficcionais, eles fazem parte do *corpus* o romance *Videiras de Cristal*, de Luís Antônio de Assis Brasil; a narrativa fílmica *Os Muckers*, de Jorge Bodansky e Wolf Gauer, bem como o recente filme *A paixão de Jacobina*, de Lucy e Fábio Barreto.

Se, como afirma Mikhail Bakhtin, todo texto mantém uma relação dialógica com outro texto, mesmo que esse não exista concretamente, pode-se afirmar que os textos escolhidos, bem como outros não mencionados aqui, dialogam entre si. Ou melhor, percebe-se a possibilidade de leitura de um através do outro, como uma rede intertextual, em que variam as representações de Jacobina, de João Jorge, de seus seguidores e da trama dos fatos. Alguns textos aproximam-se em sua abordagem, apresentando, contudo, nuances inusitadas, revelando uma nova face possível para o ocorrido.

Segundo Bakhtin, cada signo está inserido em determinado contexto, de modo que reflete o mesmo e apresenta dele uma nova imagem, podendo “distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico”<sup>2</sup>. Portanto, da mesma forma como é influenciado pelo contexto social, o signo age sobre ele, tornando-se, conseqüentemente, formador de opinião.

O estudo da representação de Jacobina Maurer se dá a partir do signo, ou seja, a partir das marcas enunciativas. É necessário, portanto, fazer um levantamento lexical, em que se deflagram os substantivos e os adjetivos empregados para designá-la, os verbos, os modalizadores do enunciado e os advérbios, uma vez que esses elementos revelam o processo avaliativo e ideológico instaurado pelo autor. Além disso, urge auscultar, em especial nos textos históricos, o processo argumentativo engendrado para defender as teses de culpabilidade ou não de Jacobina e seu grupo.

---

<sup>2</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 32.

Nesse sentido, o texto de Ambrósio Schupp tem um papel muito importante na construção da imagem de Jacobina, por dois motivos. O fato de ser o primeiro texto publicado a narrar os fatos consagrou-o como referência para todos os demais. Além disso, o distanciamento temporal entre o episódio e a publicação é muito curto, pois o padre jesuíta veio ao Brasil em 1874, quando ocorreu o massacre dos muckers. Assim, o religioso pôde, ainda, entrevistar muitos envolvidos e conferir de perto as conseqüências.

Isso pode parecer um simples dado, mas é, na verdade, um elemento fundamental na interpretação da obra, porque é possível conjeturar que o padre foi influenciado por alguns fatores. Primeiro, ele entrevistou principalmente os antagonistas ao movimento, uma vez que eles permaneceram na região, não foram massacrados e não sofriram discriminação, podendo expressar sua opinião sobre o caso. Além disso, o clima de animosidade em relação aos muckers era, ainda, muito intenso, de modo que uma obra que se posicionasse a favor deles não seria, evidentemente, bem recebida. Por fim, a condição de padre jesuíta com certeza impulsionou suas conclusões sobre esse movimento liderado por uma mulher protestante.

Ao longo de todo texto, o padre Schupp assume um tom bastante impressionista, o que já fica evidente quando, no intuito de contextualizar o leitor, descreve o palco dos episódios: “um *áspero* paredão desce de modo *íngreme*, *quase carrancudo*, para a planície, sobre a qual ele olha com a sua face cercada de mata escura, revelando uma atitude séria, quase apavorante”<sup>3</sup>. Diante dessa adjetivação - *áspero* paredão; modo *íngreme*, *quase carrancudo*; mata *escura*; *atitude séria*, *quase apavorante* -, o leitor mais desavisado, aderindo ao discurso, já se coloca em posição de alerta, pois sabe que nesse local algo de muito grave aconteceu.

---

<sup>3</sup> SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000. p. 33.

Quanto a Jacobina, refere-se a ela como “a profetisa”, e descreve-a como “um tanto lerda em sua atitude meã e de fisionomia singularmente exaltada”<sup>4</sup>. O autor a retrata como uma feiticeira que agia com má fé, cujas pregações “indubitavelmente visavam *por cálculo seduzir* os corações de seus veneradores e arrastá-los para as *mealhas enfeitçadas* de uma torpe sensualidade”<sup>5</sup>.

Além disso, caracteriza-a como adúltera, pois ela teria se unido a Rodolfo Sehn e, posteriormente, se separado de Maurer. Ela teria, ainda, articulado a ausência de Maurer do Ferrabrás, tendo em vista que “não queria ter a ‘papaizinho’ como testemunha constante de sua infidelidade”<sup>6</sup>. Pior do que isso, Jacobina teria incentivado os demais casais a também se separarem, citando, inclusive, vários que não deveriam mais viver juntos, mas deveriam casar-se com outrem.

O autor afirma, ainda, que os cultos e as “interpretações fantásticas” de Jacobina seriam a causa do suicídio de Pedro Hirt, o sogro do Subdelegado, que teria se tornado um “fanático”. Os encontros eram realizados na nova edificação, denominada pelo autor de forma nada inocente de “burgo dos muckers”. Além disso, ele descreve o cotidiano de Jacobina como o de uma senhora que é servida pelos outros: “Achava-se ela entregue à sua vida de *ócios e se fazia servir por outrem*. É que já se fizera norma doméstica a decisão de que Jacobina não tinha mais de trabalhar”<sup>7</sup>.

É recorrente a opinião de Schupp acerca do comportamento liberal de Jacobina em relação aos homens, o que serve a seu objetivo de retratá-la como imoral. Sobre as moças e senhoras, “[...] ela exercia um regimento férreo, ao passo que concedia ao *elemento masculino uma vida mais livre*”<sup>8</sup>. Conclui seu livro com o seguinte questionamento: “De quê [...] é capaz uma mulher, quando se acha entendida em

---

<sup>4</sup> Idem, p. 40.

<sup>5</sup> Idem, p. 43.

<sup>6</sup> Idem, p. 160.

<sup>7</sup> Idem, p. 99.

<sup>8</sup> Idem, p. 99.

*desenfrear as paixões do mundo masculino* e em imprimir, além disso, ao crime o caráter do culto divino?!<sup>9</sup>. Assim, por meio desses poucos trechos, fica clara a imparcialidade do autor, que se posiciona totalmente contra o movimento e tenta de todas as maneiras manchar a imagem de Jacobina.

Já Leopoldo Petry, que era protestante, em *O episódio do Ferrabraz*, tem o objetivo de abordar os fatos diferentemente dos que o antecederam. Ele pretende “estudar os acontecimentos desenrolados no Ferrabraz sob o ponto de vista social, humano e psicológico, como reação de homens dignos e laboriosos, revoltados contra as arbitrariedades de órgãos da polícia que tentaram espoliá-los de seus direitos sagrados, garantidos pelas Leis do País”<sup>10</sup>. O lugar de onde ele vê os acontecimentos diferencia-se pelo fato de que ele se envolve de modo pessoal, uma vez que se define como “filho de colonos e passou quase toda existência entre colonos e ligado a interesses da colônia”<sup>11</sup>, conhecendo, portanto, “a grandeza d’alma” do agricultor.

Tomado por esse sentimento, Petry relativiza os fatos e o que deles se conta, com o objetivo de apresentar os equívocos e exageros e, conseqüentemente, chamar o leitor à razão, sem, no entanto, inocentar Jacobina e seus seguidores. Nesse sentido, o autor assim a caracteriza: “pertencia à classe das mulheres trabalhadoras, ajudava nas lides da roça o marido e agora, em sua nova profissão, procurava tornar-se-lhe útil, esforçando-se em tratar bem e alimentar convenientemente os clientes que apareciam”<sup>12</sup>.

Além disso, o autor refuta a acusação feita por Schupp de que Jacobina teria mandado degolar o próprio filho e de que teria incentivado a troca de casais, argumentando que isso não seria possível, pois todos os envolvidos eram “homens simples e de boa fé, todos educados dentro dos princípios do cristianismo e, embora rudimentares seus conhecimentos religiosos, a tradição moral não se apagara em

---

<sup>9</sup> Idem, p. 324.

<sup>10</sup> PETRY, Leopoldo. *Os Muckers: O episódio do Ferrabrás*. São Leopoldo: Rotermund, 1966, p. VI.

<sup>11</sup> Idem, p. VI.

<sup>12</sup> Idem, p. 44.

seus espíritos, e jamais teriam concordado com as monstruosidades que os inimigos da seita lhes atribuem”<sup>13</sup>.

Embora retrate os seguidores de Jacobina como pessoas de boa índole, vítimas das perseguições da população e da polícia, o autor não se furta de criticar a líder. Ele afirma que, depois de ter se tornado o centro dos encontros no Ferrabrás, os ataques epiléticos de Jacobina ocorriam com mais frequência, “ao que parece, *por encomenda*”<sup>14</sup>. O casal teria se valido dos desmaios em virtude de um livro sobre sonambulismo que teria circulado na colônia, segundo o qual pessoas acometidas desse mal teriam a capacidade de diagnosticar doenças que fugiam ao conhecimento médico. Por fim, o autor afirma que não entende que força misteriosa instalou o ódio nos colonos, de modo que foram exterminadas “as pobres vítimas de Jacobina Maurer”<sup>15</sup>. A expressão *vítimas de Jacobina* revela que Petry, na verdade, não é totalmente favorável à líder.

Quanto ao romance de Luís Antônio de Assis Brasil, *Videiras de cristal*, é importante destacar que seu caráter literário é a diferença essencial em relação aos anteriores. Por ser ficção, não há uma preocupação com a veracidade do que é narrado, mas com o interesse do leitor pela obra, de modo que elementos ficcionais podem ser inseridos no texto, como alterações de datas, nomes, locais e a inserção de personagens, que, obviamente, não comprometam a totalidade do fundo histórico. Além disso, cabe salientar que, na literatura, existe a possibilidade de se empregar pontos de vista diferentes, através dos quais novos olhares podem ser lançados sobre determinado assunto, como o de Jacó Mula, de Carolina Mentz e de Christiano Fischer. Em virtude desses aspectos, obras literárias não oferecem fidelidade estrita do texto ficcional aos fatos, mas é justamente por isso que elas podem colaborar no sentido de modificar concepções já sedimentadas.

---

<sup>13</sup> Idem, p. 14.

<sup>14</sup> Idem, p. 50.

<sup>15</sup> Idem, p. 115.

Assim, o narrador cria um universo ficcional, em que Jacobina é uma mulher sedutora que envolve seus seguidores. A princípio, ela pede que não dêem ouvidos e não reajam aos boatos e provocações sofridas. Contudo, após os ataques violentos que ocasionaram a morte de membros de seu grupo, ela passa a apoiar o revide. Além disso, o narrador reapresenta aspectos já polêmicos na obra de Schupp, pois conta que a líder passa a ter a seu lado, não mais o marido, mas Rodolfo Sehn, que a ama e pode ser o pai de Leidard, a filha da fé. Relata também o momento em que Jacobina afirma que um dia todos viverão em paz e não mais precisarão obedecer às leis dos homens, podendo se amarem uns aos outros, conforme seu desejo. Por fim, conta que, no esconderijo, antes da derradeira hora, Jacobina ordena a degola de Leidard, que havia começado a chorar, podendo, assim, delatá-los. Esses eventos, destacados por Schupp e rechaçados por Petry, servem para tornar a ação do romance mais intensa e picante.

No filme de Bodansky e Gauer, *Os Muckers*, não são explorados meios cinematográficos mais elaborados, de modo que as tomadas são bastante elementares, variando apenas os tipos de planos, os movimentos da câmera e o zoom. O cenário também é muito simples, uma vez que as casas dos colonos não foram embelezadas; pelo contrário, são empregadas moradias de pessoas comuns, inclusive já gastas pela ação do tempo como, por exemplo, a de Haubert. A iluminação do ambiente é fraca, para manter a fidelidade ao momento histórico em que não havia eletricidade.

Os colonos não são representados por atores renomados, mas por pessoas do meio que falam em alemão, o que aproxima a ficção da realidade e retira a aura de glamour cinematográfico, aproximando a narrativa do documentário. Além disso, sua vestimenta, adequada à época e ao grupo, constitui-se de roupas simples, ou seja, vestidos e saias longas, em tons de claro e escuro, sem cores vivas. Os homens também vestem calças escuras e camisas brancas, escuras ou em xadrez. A roupa de

trabalhos é remendada, e as mulheres usam lenços e chapéus de palha, além de manterem o cabelo sempre preso.

Jacobina não se diferencia das demais mulheres, pois se veste e trabalha como todas as outras, até mesmo arando a terra. Apesar de não ser apresentada como uma mulher linda e sensual, sua conduta moral é manchada quando ela seduz o jovem Haubert e trai o marido com Rodolfo Sehn, que está sempre a seu lado. Além disso, Jacobina não distribui beijos entre os apóstolos e não abraça as outras pessoas, sem, contudo, deixar de ser bondosa, uma vez que todos vivem sob o mesmo teto e trabalham juntos para o sustento do grupo. Muitas vezes, ela permanece imóvel, com o olhar parado e absorto como se estivesse tendo uma visão, para, em seguida, fazer uma revelação.

Sua determinação é clara ao longo da narrativa, pois nunca se deixa abater diante das dificuldades. Sua prédica é transmitida com firmeza e convicção, bem como suas ordens, o que transmite segurança a seus seguidores. Isso é confirmado quando, ao acordar em São Leopoldo diante das autoridades policiais, defende o movimento e acusa os inimigos de perseguição e, na batalha final, quando decide que todos devem morrer para não serem mortos ou presos pelos inimigos.

A segunda narrativa fílmica, *A paixão de Jacobina*, apresenta a protagonista sob outro prisma, embora algumas características sejam mantidas, como a obstinação. Logo no início do filme, a cena, em que a mãe dela não permite que os filhos saiem sua fome com o feijão encontrado em uma choça abandonada, é indicial por apontar para os sacrifícios aos quais ela estava habituada, bem como a educação severa, segundo rígidos preceitos morais. Essa caracterização funciona como argumento que depõe a favor da protagonista, figurativizando-a como merecedora de respeito e de credibilidade.

Outro elemento indicial apontado por essa cena é a cruz que a menina recolhe do local e traz consigo na vida adulta, que revela a intensa religiosidade da



protagonista já na infância, ou seja, ela provém de um lar em que os valores religiosos são cultivados. Com esse índice inicia um processo de divinização da personagem, que é continuado quando ela tem a visão e recebe o chamado de Cristo, que lhe indica sua missão. Essa caracterização também se dá pela abstinência sexual a que se decide e pela ação de curar os males dos enfermos, como o fazia Jesus. Além disso, sua vestimenta - a permanente túnica branca e a coroa de flores - e o cabelo solto têm um efeito ambíguo, pois, por um lado, completam a imagem divinizada da pureza de Jacobina, por outro, configuram-se em um elemento de sedução, tanto em busca da adesão dos seguidores, como em relação ao elemento masculino.

Até mesmo sua atitude adúltera pode ser considerada mais legítima nessa narrativa, uma vez que ela já era apaixonada pelo primo na adolescência. Quando Franz a procura na cachoeira, ela procura resistir, embora não consiga, ao que se segue o arrependimento e a opção pela abstinência sexual.

Sua caracterização também se dá por suas atitudes. Destaca-se pela bondade para com os membros do grupo, como, por exemplo, quando perdoa sua cunhada que foge para os braços do inspetor João Lehn e quando acolhe Jacó Mula em seus braços. No início, também não permite armas na propriedade, ordenando que sejam enterradas. Depois, contudo, deixa de ser tão pacífica e, usando palavras da bíblia, autoriza o revide aos agressores. Após nomear os apóstolos, pratica o ósculo, mas sempre com os olhos esbugalhados, como em um ritual.

Também se pode destacar outras cenas que são favoráveis à configuração da imagem dos muckers nesta narrativa fílmica. É apresentada, por exemplo, a morte dos cavalos cometida por um grupo de desordeiros, pela qual, no entanto, os membros de Jacobina foram responsabilizados. Além disso, na Santa Casa, Jacobina diz à enfermeira que é o Estado e a Igreja que desejam sua permanência no hospital, não Deus. Com a primeira passagem, o grupo é inocentado; com a segunda, é instaurada a crítica ao sistema.

Ambas as narrativas fílmicas diferenciam-se, portanto, em vários aspectos. No primeiro, Jacobina é apenas uma mulher comum, com problemas de sonambulismo, e líder promíscua de um grupo de fanáticos. Ela divide o palco com Klein que aparece como importante articulador de todos os acontecimentos. O filme não elabora imagens metafóricas, nem faz uso de procedimentos cinematográficos mais avançados, sendo, por isso, muito simplório em sua linguagem. O segundo, ao contrário, recria o mito de Jacobina de forma mais positiva, recobrando-a de uma aura mística, fugindo da representação comum da personagem. Emprega, ainda, melhor maneira os recursos técnicos e instaura figuras que ajudam a caracterizá-la de modo mais rico. Além disso, vale destacar que as narrativas fílmicas, devido ao fato de sua linguagem ocupar um tempo específico e limitado, não pode abarcar toda a história em seus detalhes, sendo, portanto, mais elípticas que as obras cujo suporte é o código lingüístico.

Para concluir, constata-se, então, que os textos citados, tanto os de cunho histórico como os ficcionais, podem ser lidos uns através dos outros, embora cada um apresente diferenças na abordagem da protagonista e dos fatos. Assim, Jacobina é representada de diferentes modos, com várias nuances, como num jogo de espelhos em que sua imagem é refletida e refratada, nunca alcançando a perfeição do original.